

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UM RECORTE DAS CONTRIBUIÇÕES GREGAS, ROMANAS E CRISTÃS

Zuleide Demetrio Minatti¹

Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI

RESUMO

Este estudo apresenta um recorte da história da educação, dando destaque às contribuições gregas, romanas e cristãs. Partindo do pressuposto que para entender a educação do presente faz-se necessário entender que sua construção é um processo sócio-histórico. Mostrará que a educação escolar nasceu na Grécia, se intensificou em Roma e recebe influência do modelo cristão de educação. A partir da contribuição de filósofos, padres e autoridades da época o sistema educacional foi se ampliando, surgiram escolas, classificaram-se os níveis de ensino do primário ao ensino superior e começaram a surgir os manuais que direcionaram o processo de ensino e aprendizagem. Chegou-se à conclusão de que as contribuições desses povos foram significativas e marcantes na construção do modelo de educação que se seguiu por séculos em todo o ocidente.

Palavras-chave: Educação. Paideia. Escola.

1 INTRODUÇÃO

Nem sempre houve escola e nem sempre ela foi do jeito que a conhecemos. Em vários momentos da história, tipos diversos de sociedades criaram diferentes caminhos para lidar com o saber e com o poder que ele traz. A escola e o processo de educação a ela atribuído é fruto de contribuições advindas de diferentes civilizações antigas, todas contribuíram de forma significativa para a construção da educação que vivenciamos no mundo contemporâneo.

Contudo, as maiores influências vêm do

povo grego. Os gregos influenciaram outras culturas especialmente a romana que por sua vez incorporou a educação cristã.

Neste estudo pretende-se refletir sobre essas influências, mostrando que desde a antiguidade é possível perceber como afirma Brandão (2001, p. 5) que não há uma forma única nem um único modelo de educação: a escola não é o único lugar onde a educação acontece e, talvez nem seja o melhor lugar; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.

1 Professora -Tutora Externa do Curso de História, Polo Famesul. Faculdade Metropolitana de Rio do Sul.

2 CONTRIBUIÇÕES GREGAS, ROMANAS E CRISTÃS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Os gregos na antiguidade já apresentavam uma visão de mundo que se diferenciava de outros povos. Para eles, o homem era o ser mais importante do universo, por isso sua educação tinha como principal objetivo a formação do cidadão.

Jaeger (1994, p. 3) retrata a importância dos gregos na história da educação dando destaque a Paideia, uma noção de educação que se mescla com cultura. Paideia é educar para fazer o indivíduo se inserir na comunidade, para inscrever os valores da coletividade nele e para aproximá-lo de um ideal humanista de pessoa. “Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual”.

Para entender o termo Paideia Jaeger (1994, p. 3) afirma que:

não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, tradição, literatura, ou educação; nenhuma delas coincidindo, porém, com o que os gregos entendiam por paideia. Cada um desses termos se limita a exprimir um aspecto do conceito global. Para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez.

Para os gregos, educar era uma prática que se distanciava das noções de adestramento e condicionamento.

Na Paideia, valorizava-se a consciência que o sujeito tinha de si, de seu papel social, de suas práticas, de sua posição de cidadão e as responsabilidades que a acompanhavam. “No que se refere ao problema da educação, a consciência clara dos princípios naturais da vida humana e das leis imanentes que regem as suas forças corporais e espirituais tinha de adquirir a mais alta importância”. (JAEGER, 1994, p. 11).

A educação não era uma propriedade individual, mas pertencia por essência à comunidade. “Toda educação é assim, o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana”. (JAEGER, 1994, p. 13). A educação era o meio pelo qual o homem conservava e transmitia a identidade humana. Através do conhecimento questionava sua existência social e espiritual, fazendo-se diferente dos demais seres, utilizava-se da razão consciente para conservar e propagar sua espécie.

A educação estava presente na vida da sociedade e sua história estava ligada aos valores, normas, tradições e transformações vivenciadas pela comunidade. O legado do conceito de cultura vem dos gregos.

Nossa história começa na Grécia [...] Ao dizermos que a nossa história começa na Grécia, precisamos adquirir uma consciência clara do sentido que neste caso damos a palavra ‘história’. História significa, por exemplo, a exploração de mundos estranhos, singulares e misteriosos. (JAEGER, 1994, p. 6).

No entanto, não é uma tarefa fácil descrever a posição revolucionadora e solidária da Grécia na história da educação humana. Sabemos hoje que sem a concepção grega da cultura não teria existido a ‘Antiguidade’ como unidade histórica, nem o ‘mundo da cultura’ ocidental. A importância desse povo no papel de educadores deriva da concepção que atribuem ao indivíduo na sociedade.

Assim como Morin (2000), nos apresenta nos dias de hoje, os gregos já afirmavam, dentro do seu conceito de natureza, que todas as partes são consideradas membros de um todo. Para eles, nenhuma parte pode ser isolada do todo. Talvez por isso deixaram tamanha herança para a humanidade, na arte, na literatura, na oratória, na arquitetura e especialmente na filosofia. E é na filosofia que “se manifesta da maneira mais evidente a

força que se encontra na raiz do pensamento e da arte grega, a percepção clara da ordem permanente que está no fundo de todos os acontecimentos e mudanças da natureza e da vida humana”. (JAEGER, 1994, p. 12).

Para os gregos a educação deveria ser um processo de construção consciente. Para isso, apostavam na formação dos meninos, que entravam na escola aos seis anos e ficavam sob os cuidados de um pedagogo que ensinava aritmética, literatura, música escrita e educação física. Também tinham a tarefa de decorar muitos poemas e aprendiam a fazer parte dos cortejos públicos e religiosos. Já as meninas não recebiam qualquer educação formal, sua educação estava associada aos afazeres domésticos e aos trabalhos manuais que aprendiam com as suas mães. As crianças cresciam no Gineceu, que era uma parte de suas casas onde ficavam as mulheres.

Nesta época não existia uma formação para profissão ou negócio, a ênfase da educação era a educação militar. O saber era menos importante que o treinamento militar. Segundo Marrou (1973, p. 27), “o herói Homérico, como, a seu exemplo, o homem grego, não é verdadeiramente feliz senão quando se sente, quando se afirma como o primeiro em sua categoria, distinto e superior”.

Os gregos buscavam através de um processo de educação consciente a formação de um elevado tipo de homem, “constituído de modo correto e sem falhas, nas mãos, nos pés e no espírito”. (JAEGER, 1994, p. 13). O princípio espiritual dos gregos era o humanismo. Um homem vive e se desenvolve por meio das mudanças históricas.

[...]. Humanismo vem de *humanitas* [...] [que significa] a educação do Homem como verdadeira forma humana, com seu autêntico ser. Tal é a genuína *Paideia* grega, considerada modelo por um homem de Estado romano.

Não brota do individual, mas da ideia. Acima do Homem como ser gregário ou como suposto *eu* autônomo, ergue-se o Homem como ideia. A ela aspiram os educadores gregos, bem como os poetas, artistas e filósofos”. (JAEGER, 1994, p. 14).

A influência grega atingiu também a civilização romana no decorrer do século V, gerando transformações profundas nesta civilização. O momento foi marcado por resistências à invasão. Apesar disso, a língua grega foi adotada entre os letrados e a ideologia grega se difundiu com a Romana afetando o estilo de vida deste povo.

A educação sofreu alterações e a pedagogia romana, por intermédio de Marco Túlio Cícero, passou a adotar um estilo de pedagogia grega, conduzida através da formação humana pela cultura e fundamentada no ideal de *Paideia*. Cícero, que era um homem político, defendia os princípios republicanos e a autonomia do Senado e acreditava na retórica como princípio educativo. Para ele, o orador era o homem ideal, pois possuía a capacidade da palavra, a riqueza da cultura e a capacidade de participar da vida social e política.

A partir de Cícero, foram criados modelos de pedagogia associados ao estoicismo, a *Paideia* retórica e a concepção enciclopédica do saber. Foram inseridas na educação as artes liberais contemplando estudos sobre gramática, lógica, retórica, música, astronomia, geometria, aritmética, medicina e arquitetura.

Alguns modelos escritos de pedagogia começaram a surgir e influenciaram por séculos a educação e a cultura do ocidente. Contribuições como a de Marco Flávio Quintiliano (35-96 d.C), considerado o teórico da pedagogia romana, escreveu um manual destinado aos professores de retórica onde explicava como formar um orador. Epicteto (50-138 d.C.), que explorou no seu manual o autocontrole e o autodirigir-

se alcançados, segundo ele, através da meditação e de exercícios. Lucio Aneu Sêneca (4 a.C-65 d.C), que concentrou seus estudos na superioridade da moral estoica, onde reconhecia o homem como parte de um todo, com capacidade de autogovernar-se. E, finalmente, Marco Aurélio (121-180 d.C.), que através das suas inquietações pessoais buscou, com base na filosofia, apresentar o modelo de equilíbrio e sabedoria para o homem romano.

A fundamental fonte de educação romana era a família, em que o principal educador era o pai – pater e a mãe tinha um papel importantíssimo nos primeiros cuidados dos filhos, recebendo maior destaque do que na educação grega. O processo de educação das famílias de classes altas acontecia em casa através da contratação de um mestre (geralmente grego) para educar/ensinar seus filhos. Já para as classes menos favorecidas foram criadas as escolas, instituições privadas e sem amparo do estado.

A educação romana privilegiava a aprendizagem literária, dando ênfase à arte da retórica e do debate, em detrimento da ciência da educação musical e do atletismo. Os romanos criaram o primeiro sistema de ensino de que se tem conhecimento. Sistematizaram o ensino nas escolas criando três graus de aprendizagem: o **grau elementar**: fase responsável pela alfabetização; o **secundário ou gramatical**: onde se aprendia música, geometria, astronomia, literatura, oratória entre outras culturas e as **escolas de retórica**: onde estudavam os vários tipos de retórica e com esses conhecimentos elaboravam discursos e debates contemplando temas reais e fictícios.

Outras escolas com outros fins e direcionadas para classes inferiores surgiram, tendo como foco a profissionalização e o desenvolvimento de técnicas, resgatando a ideologia do trabalho. Nasceu, neste

período, a primeira escola profissionalizante, chamada de “Paedagogium” e o “collegia” ou “corpora” que acolhia e formava os mestres com treinamento rígido e verificação de desempenho profissional.

Também surgiram escolas de sacerdotes e soldados para o exército. Os sacerdotes eram formados a partir de uma disciplina rígida e tinham como missão de vida difundir as ideias do sagrado. Já os soldados eram adestrados para o ofício das armas e o espírito de corporação.

Neste período, o olhar dos imperadores, voltou-se para os problemas das escolas e o estado criou políticas escolares inovadoras. Concedendo alguns benefícios aos gramáticos e retóricos. Os mestres que não eram romanos ganharam cidadania romana e foram isentos de pagar impostos. Bolsas de estudo foram concedidas. Escolas foram estatizadas e criam-se cátedras de retórica nas grandes cidades.

Os romanos levaram seus princípios de educação pelas terras que conquistaram, espalhando seu ideal que para Marrou (1973, p. 36) era o de “formar a consciência da criança ou do jovem, inculcar-lhe um sistema rígido de valores morais, reflexos seguros, um estilo de vida”.

Neste mesmo período de conquistas, o povo romano começou a receber influências do cristianismo que foi se difundindo com o crescimento das conquistas romanas. Com a propagação do cristianismo a igreja assumiu o poder, especialmente sobre a educação. O currículo do cristianismo foi elaborado pelos grandes padres alexandrinos do século IV, como Basílio de Cesarea, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa. O processo de educação era um ponto em comum entre eles. Preocupados com a juventude cristã, definiram (de forma escrita) como deveria ser sua formação.

Um dos modelos de escola cristã eram

os mosteiros. Lugares de grande erudição, onde os monges cultivavam a formação espiritual e cultural, sob regras rigorosas e disciplinadoras.

Ainda dentro dessa nova concepção alguns papéis se modificaram. Os educadores, por exemplo, além de transmitirem os conhecimentos gerais, deveriam também exercer o papel de guias espirituais.

O papel da família foi alterado e as relações de amor e autoridade foram redefinidas. O modelo de família cristã a ser seguido era o da sagrada família, pautado no respeito mútuo. O pai tornava-se o guia atento e amoroso da família, a mãe guiada pelo afeto, exercia papel central (presença em todos os momentos), aos filhos caberia respeitar e serem respeitados.

A visão de mulher e de infância também foram resignificados. Às mulheres era garantida igualdade diante dos homens (ou diante de Deus), espaço de atuação na comunidade cristã e exaltação da maternidade e do seu papel de educadora dentro da família. A infância era vista como uma fase ingênua e inocente, comparada com a infância de Cristo.

Diante disso, o ideal de homem, construído a partir do projeto educativo cristão, no modelo de homem de Jesus Cristo (homem perfeito), deveria aproximar-se de Deus, fundamentar-se na verdade, no amor e na ética, só assim e apoiado pela igreja alcançaria a cidade de Deus.

O Cristianismo, através do ensino do latim e com o método da Escolástica, vigorou por mais de mil anos e atingiu as culturas da modernidade, rompendo as barreiras do ocidente e se propagando por diversas regiões do mundo.

Podemos dizer que o Cristianismo, parafraseando Dom Bosco, tinha como

filosofia “educar evangelizando e evangelizar educando”.

A partir da queda do Império Romano, a nobreza e a Igreja passaram a organizar a sociedade como um todo, interferindo de forma significativa na educação. A Igreja aos poucos foi afastando do estado a obrigação de educar, assumindo para si a transmissão do saber. Foi substituindo as escolas estatais romanas, garantindo seu espaço e agregando um novo modelo ligado à vida monástica. Esse novo modelo de educação era fundamentado especialmente em textos canônicos (sagrados).

Neste período surgem três tipos de escolas: as monásticas (ou abaciais), as catedrais e as palacianas.

Nas escolas chamadas monásticas ou abaciais predominava uma cultura ascética, onde a formação se dava através de textos sagrados e da meditação, sendo a igreja a instituição responsável pelo processo de formação.

As escolas catedrais, que se instalavam junto à catedral onde o bispo tinha seu trono ou cátedra, tinham como tarefa a formação do clero secular, dentro de um modelo que atendia a uma didática conservadora, marcada pelo autoritarismo e submissão à autoridade eclesiástica. Modelo esse que predominou até o século X.

Para atender a demanda da nobreza, surgiram as escolas palacianas ou palatinas. Ligadas ao poder laico, criadas para formar eclesiásticos, administradores do império e filhos da nobreza. Seu mentor foi o Imperador Carlos Magno que designou a tarefa de conduzir a escola ao monge inglês Alcuíno de York. Seus ensinamentos fundamentavam-se principalmente em gramática e retórica. Tempos depois Carlos Magno impôs a criação de escolas onde se aprenderia a ler salmos, sentenças, cânticos, calendários e gramática.

A Igreja também impôs sua forma de educação à cavalaria, cristianizando-a dentro de um novo ideal de formação que privilegiava a formação religiosa e crista, exaltando a justiça e os ideais de honra e coragem. Buscava educar os cavaleiros para valores de gentileza e de dedicação (demonstravam exatamente o contrário sendo transgressores a todas as leis impostas) tornando-os socialmente úteis.

Para isso, deveriam seguir os ensinamentos da igreja, seus mandamentos, ser fiéis e punir sem piedade os infiéis. O escolhido era o filho caçula do senhor que iniciava sua formação aos sete anos e encerrava aos vinte anos. A conclusão dos estudos era realizada através de uma cerimônia com um banho purificador, juramento e vestidura adequada.

Partindo dos ideais cristãos, a cavalaria participou de cruzadas, batalhas que buscavam combater os infiéis, tudo em “nome de Deus”. Eram vistos como superiores e talvez por isso, habitavam (e ainda habitam) no imaginário das pessoas. No entanto, a partir do século XV esse grupo começou a perder força e entrou em crise.

Neste mesmo século, surgiu um modelo de formação cristã baseado na interioridade e na sublimação como uma abertura para o transcendente. Buscou-se uma aproximação de Deus através do silêncio, da meditação e das escrituras. Observava-se uma exaltação à formação religiosa, espiritual e mística, colocando a vida monástica como um modelo de identidade humana.

A Idade Média foi marcada por grandes contribuições intelectuais, sendo a mais importante delas a criação da Universidade. Criada a partir das escolas catedrais e organizadas em torno da Igreja e em mosteiros, tinham como objetivo a formação de clérigos. Foi reconhecida primeiramente como *studium generale*, e seu surgimento foi marcado por conflitos que garantiram sua

autonomia em relação às autoridades, onde as escolas catedrais segundo Cambi (1999, p. 183) “[...] começaram a assumir um caráter mais corporativo e no giro relativamente de um século evoluíram para o novo instituto de universidade.”

Seu nascimento se deu simultaneamente na Itália e na França “segundo modelos diferentes, mas agrupados por um rigoroso itinerário de estudos.” (op. cit.)

A primeira Universidade foi a de Bolonha na Itália, seguida da Universidade de Paris na França. O *studium generale*, na cidade de Paris, nasceu ao redor da escola episcopal e teve como colaborador o filósofo Abelardo, que instituiu o curso referente às artes liberais (*trivium*), depois foi criado o curso de teologia, de direito, e de medicina, constituindo assim, o nível superior de ensino. O *studium* de Paris só foi reconhecido como universidade depois da morte de Abelardo, sendo considerada uma das universidades de maior prestígio da época. A formação acadêmica na época durava de cinco a sete anos e os diplomas ou bulas eram concedidos pelo papa ou pelo rei.

Em 1231, o Papa Gregório IX (1231) publicou a Bula “*Parens Scientiarum*” a favor dos docentes garantindo a Universidade de Paris o direito de se autogovernar, com autonomia para criar suas leis em relação aos cursos e estudos.

Já a faculdade de Bolonha tornou-se um centro de estudos de direito, organizado a partir de estudos do Corpus *juris civilis*, preparado por Inácio. Foi palco de movimentos estudantis estimulados por Frederico Barba-Ruiva, reivindicando vários direitos, entre eles, alojamento e isenção de taxas.

A partir desses dois modelos as universidades espalharam-se por toda a Europa, crescimento que representou o

dinamismo civil e cultural da sociedade da Idade Média.

Neste período alguns educadores, baseados na Filosofia da Escolástica se destacaram, criando métodos ousados e inovadores de ensino e aprendizagem. Dentre eles destaca-se Pedro Abelardo, que através de sua obra *sic et on* contra (prós e contra), criou um método de debate, baseado no princípio da verdade que girava em torno da discussão dialética, a partir de um problema e do confronto de argumentos contraditórios. Na aplicação desse método, os mestres utilizavam algumas questões da igreja, não sendo visto com bons olhos pelos seus membros. Abelardo contribuiu ainda para a criação de uma pedagogia com conteúdos baseados no respeito à formação do sujeito como intelectual autônomo e crítico, muito “próximo de um sujeito moderno”.

Outro nome de destaque foi São Tomás de Aquino, inspirado nos princípios do racionalismo e do naturalismo aristotélicos, destacou a importância do professor no despertar da mente do estudante. “A pedagogia Tomista é uma pedagogia toda embebida de fé na razão.” (JAEGER, 1994 p. 189). Segundo São Tomás, havia dois tipos de conhecimento: o sensível, captado pelos sentidos, e o intelectual, que se alcançava pela razão. Pelo primeiro tipo, só se podia conhecer a realidade com a qual se tivesse contato direto. Pelo segundo, podia-se abstrair, agrupar, fazer relações e, finalmente, alcançar a essência das coisas, objeto da ciência. O processo de abstração que ia da realidade concreta até a essência universal das coisas era um exemplo da dualidade entre ato e potência, princípio fundamental tanto para Aristóteles quanto para a filosofia escolástica. Transportando essas ideias para a educação ele introduz como princípio pedagógico o conhecimento que é construído pelo estudante e não simplesmente transmitido pelo professor. Para ele, os seres humanos, cada ser

humano, tinha uma essência particular para ser desenvolvida a partir da razão e da prudência, que segundo ele eram o caminho da felicidade e também da conduta eticamente correta.

São Boaventura de Bagnoregio também contribuiu destacando que a teologia é subordinada à fé e que a verdadeira formação do cristão é ascética e mística, destacando que “[...] todo saber é reconduzido à teologia e está à mística”. (JAEGER, 1994, p.189)

As ordens franciscanas e dominicanas tiveram grande influência no desenvolvimento das universidades e estas por sua vez geraram profundas transformações nas estruturas econômicas, culturais, políticas e sociais por onde iam se instalando.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado podemos concluir que todas as contribuições dos gregos, romanos e cristãos influenciaram por séculos a educação ocidental, produto humano e histórico.

Para Brandão (2000, p. 71) os gregos ensinaram o que hoje esquecemos, de que a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes.

É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisório onde isto pode acontecer. É a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula.

A Paideia moderna talvez seja a visão de que o ensinar e o aprender existem em toda parte e ninguém escapa da educação seja para saber, fazer, ser ou conviver a

educação deve acontecer na vida e a partir da vida.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. *Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria*. In: AZEVEDO, José Clóvis de, GENTILLI, Pablo, KRUG, Andréa e SIMON, Kátia (Orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000, p. 449-462.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. LORENCINI, Álvaro de. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHÂTELET, François. **Uma história da razão**: entrevistas com Émile Noël. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova, São Paulo: coedição EPU/EDUSP, 1973.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.